

PAULO FREIRE:

EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO OU DIFÍCIL CAMINHO DA LIBERAÇÃO

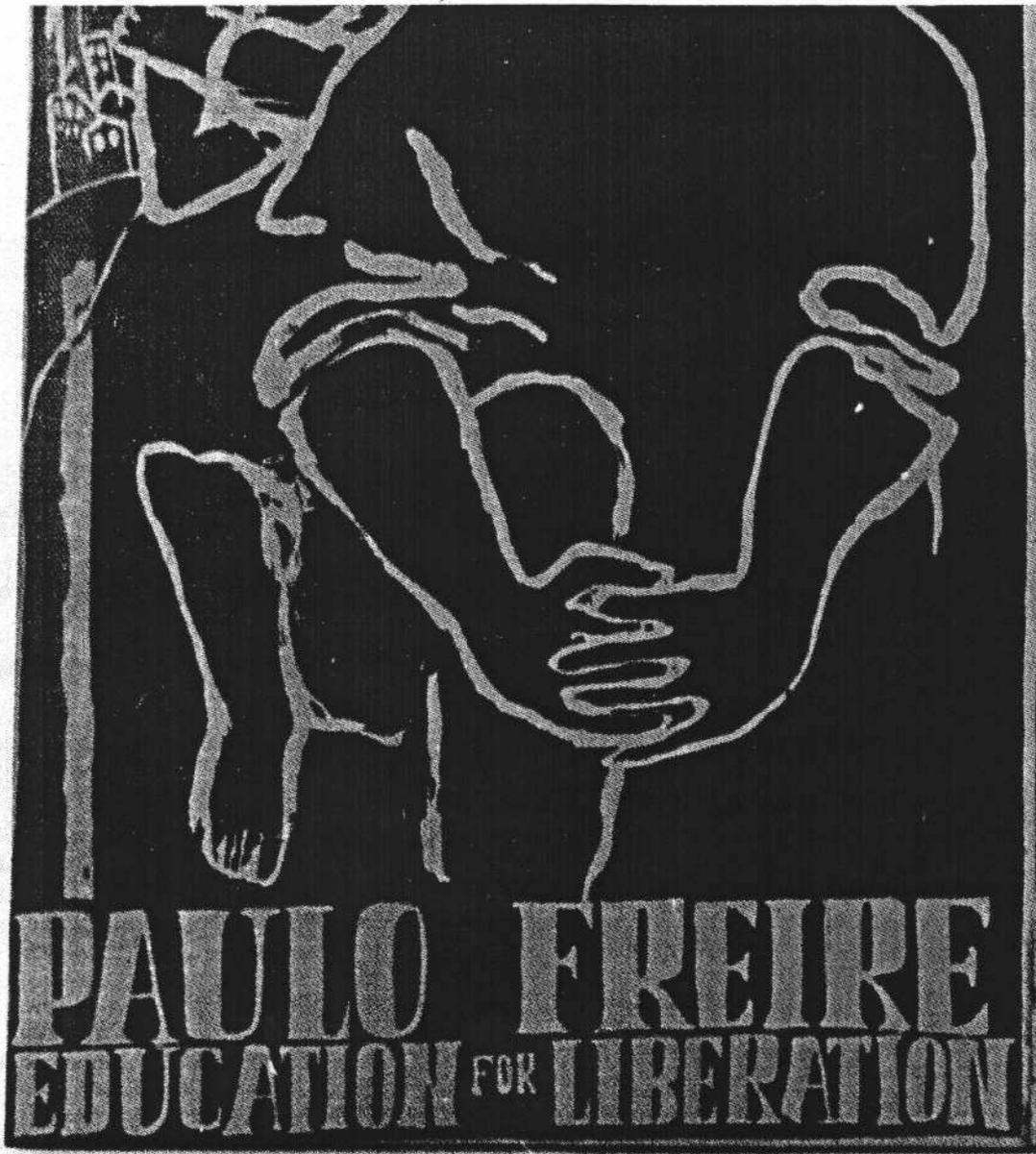


Hablar de Paulo Freire en América Latina es hablar de una experiencia extraordinaria que sacudió -en su momento- muchos de los proyectos de Educación que se mantenían o se forjaban en el Continente.

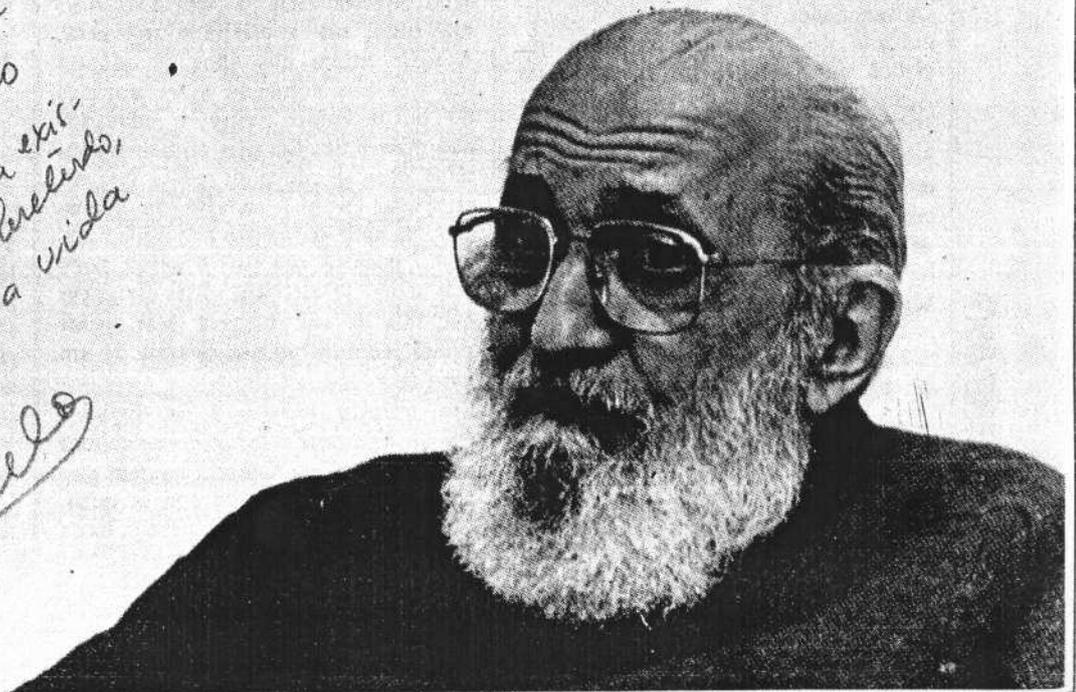
El pensamiento filosófico y las propuestas pedagógicas de este destacado educador brasileño continúan -sin embargo- dando paso a replanteamientos en unos casos y a reafirmaciones conceptuales en otros que siguen siendo objeto de controversia y/o marco de inspiración no sólo para educadores sino también para comunicadores sociales, antropólogos, sociólogos y políticos de la región.

Lo anterior nos habla de la pertinencia de una experiencia educativa que pone, en todo momento, el centro de su atención en los procesos comunicativos y en el contexto social en la cual se desenvuelve. Por esta razón no puede resultar extraño que Dia-logos haya solicitado a la comunicadora brasileña Anamaria Fadul para que realice una entrevista al propio Paulo Freire, quien desde su casa en Sao Paulo nos habla de las clases populares y su relación con el poder en la comunicación, nos habla también de la violencia, de la participación y aún de los propios replanteamientos que él se hizo en relación a sus conceptos y propuestas educativas.

Como siempre y seguramente con el beneplácito del propio Paulo Freire asumimos que la entrevista que ahora ponemos en manos de nuestros lectores ha de generar nuevos e intensos debates.



Nita,
 Dias antes de dar
 esta entrevista, te
 havia dito que esta-
 vas linda.
 A vaguidade de mi-
 nha lembrada dizia po-
 rém de meu estado
 de espírito.
 Obrigado por tua exis-
 tência. Obrigado, sobretudo,
 por me trazeres a vida
 de novo. Paulo



1. ATIVIDADES DE PAULO FREIRE DEPOIS DE SEU REGRESSO DO EXÍLIO

Paulo Freire voltou ao Brasil pela primeira vez em 1979, desde seu exílio em 1964, não para ficar, mas só para ver, como ele diz. Seu regresso definitivo se deu em 1980.

Entre os vários convites recebidos, optou por ensinar na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo (PUC), no curso de Pós-Graduação em Educação e na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Recebeu também o convite da Universidade Federal de Pernambuco na qual trabalhava antes de ser exilado. Sua recusa em aceitar esse convite não foi nem uma recusa à Universidade e nem uma recusa ao Recife, mas à forma como a ditadura militar condicionava seu retorno à essa instituição. Ou seja, havia que se solicitar à ditadura a volta à Universidade e a ditadura diria sim ou não. Embora o Reitor da Universidade afirmasse não ser necessário que Paulo Freire fizesse o pedido, pois ele seria feito pelo Departamento, ele recursou que o governo o tomasse como um caso a ser estudado.

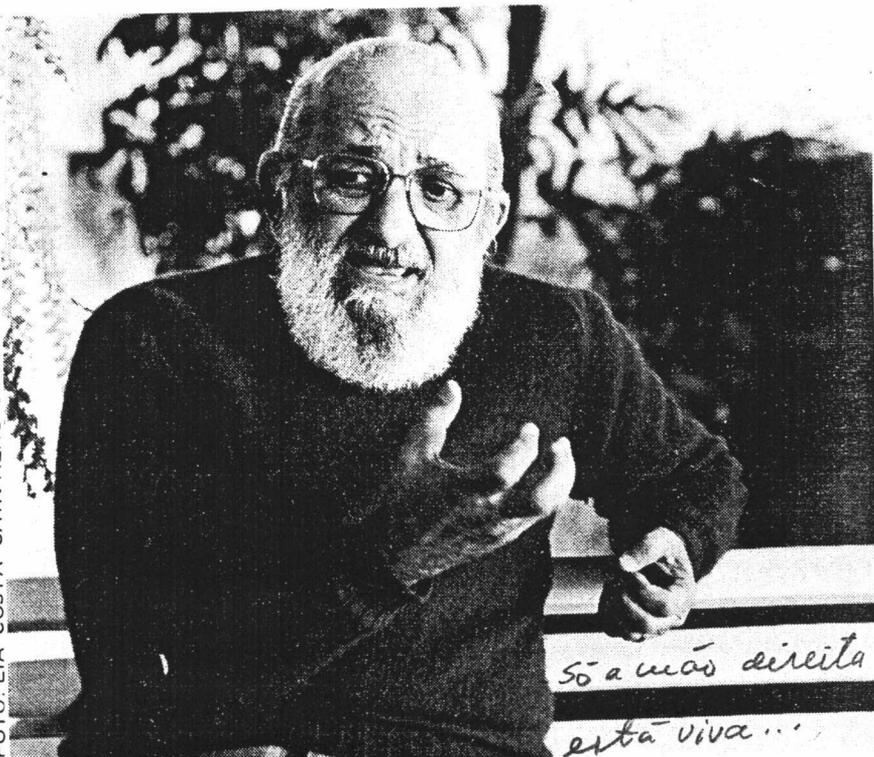
Ele acaba de ser readmitido na Universidade Federal de Pernambuco através de uma lei de outubro de 1985, promulgada pela Nova República, que por mais que não seja nova, diz ele, permitiu sua volta sem a necessidade de uma solicitação de sua parte. Depois de readmitido, será aposentado.

Actualmente ele assessora a Pontifícia Universidade Católica de Campinas e continua ligado à PUC-S. Paulo e à UNICAMP. Além de suas atividades como professor e pesquisador nessas Universidades, Paulo Freire deu continuidade no Brasil aos trabalhos iniciados em Genebra no Instituto de Ação Cultural (IDAC), criado em 1970. Embora atualmente não mais pertença à essa instituição o IDAC continua suas atividades até hoje, com a presença de alguns de seus fundadores.

2. OS PROJETOS DESENVOLVIDOS ATUALMENTE POR PAULO FREIRE

Ele está trabalhando em quatro projetos simultaneamente. O primeiro deles é faltoso de humildade, em sua opinião. Está tentando fazer uma His-

FOTO: LIA COSTA CARVALHO SAO PAULO BRASIL



tória da Pedagogia do Oprimido. Sua falta de humildade relaciona-se com o fato de que a obra se despediu de seu autor e voa sozinha. Essa obra já tem uma história e é válido falar dela. Pretende contar ao leitor alguns fatos que cercaram esse livro que provocou cadeia, maus-tratos, perseguições. Não tem provas, mas contará os fatos, tentando analisá-los no momento em que completa quase 20 de sua aparição. Mas sua intenção é publicá-lo em 1988 quando o livro completa 20 anos de sua gestação.

Seu segundo projeto é um outro livro, em forma de cartas, cujo nome *Cartas a Cristina* se justifica porque está ligado afetivamente a três Cristinas: sua filha, sua sobrinha e sua neta. A idéia surgiu nos anos 70 quando sua sobrinha começou a ter notícias do outro Paulo Freire, o educador não mais o tio. Em seus primeiros contatos com o educador pediu que ele escrevesse o que pensava da educação. Naquele momento não pode realizar o pedido, por isso resolveu fazer isso agora. Já escreveu várias cartas em que fala de sua infância. Mas apesar dessas recordações não se trata de um livro de memórias.

Seu terceiro projeto é um Estudo/Ensaio não muito longo sobre o líder africano Amílcar Cabral, a quem não conheceu pessoalmente porque quando chegou à Guiné-Bissau ele já havia

sido assassinado. Mas seu irmão lhe contava das conversas que tivera com Amílcar sobre a possibilidade da ida de Paulo Freire a esse país. Além de um debate que realizou na Universidade de Brasília com um grupo de alunos de Pós-Graduação e que servirá como ponto de partida, já tem várias entrevistas com líderes que lutaram com Amílcar no processo de libertação.

Seu quarto projeto é a organização de uma antologia com seus próprios artigos a pedido de uma Editora. Sua tarefa é selecionar os textos e escrever entre um trabalho e outro a dobradiça que viabilize uma articulação dos textos entre si.

3. LIVROS PUBLICADOS DEPOIS DE SUA VOLTA AO BRASIL

A partir de 1980 Paulo Freire publicou uma série de artigos, alguns reunidos em livros, mas sua produção caracterizou-se especialmente por obras publicadas em conjunto com outros educadores, entre os quais citamos: Paulo Freire e outros, *Vivendo e aprendendo: Experiências do IDAC em educação popular* (S. Paulo, Brasiliense, 1980); Paulo Freire, *A importância do ato de ler* (S. Paulo, Cortez, 1982); Paulo Freire e Antonio Faundez, *Por uma pedagogia de*

pergunta (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985); Paulo Freire e Frei Beto, *Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho* (S. Paulo, Atica, 1985); Paulo Freire e outros (Orgs), *Fazer escola conhecendo a vida* (Campinas, Papirus, 1986). Entre esses trabalhos destaca-se *Sobre Educação* (Diálogos), Volume 2 (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984), em colaboração com Sérgio Guimaraes, com que já havia publicado também o Volume 1, no mesmo ano e na mesma Editora. Esse livro discute a controversa relação entre os meios de comunicação de massa e o processo educativo e as possibilidades de um uso mais criativo dos meios na Escola. Em 1987 publicou seus dois últimos livros: *Aprendendo com a própria história* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987), ainda em colaboração com Sérgio Guimaraes, e *Medo e ousadia* (Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987), em parceria com Ira Shor.

4. A ENTREVISTA.

As classes populares na América Latina sofrem vários tipos de dominação

P. Qual sua visão do atual momento político e social da América Latina?

R. Apesar de não ser um estudioso da problemática da América Latina, sou em educador latinoamericano e sei de minha presença no continente, mesmo quando se discorda de meu trabalho. Por isso não tenho medo de arriscar algumas apreciações.

Em primeiro lugar, não se pode falar de América Latina, porque há diferenças e especificidades que compoem o que se chama América Latina. Por outro lado, há também especificidades dentro de cada sociedade latinoamericana. Além das diferenças temporais, espaciais e culturais que devem ser tomadas em consideração existe também a questão das classes sociais e do poder que enfatiza ainda mais essas diferenças.

As classes dominadas em nosso continente são dominadas em vários sentidos. Em primeiro lugar, elas constituem o Terceiro Mundo, no qual se encontra o Primeiro

Mundo do Terceiro Mundo. As classes sociais dominantes do Brasil e Argentina, por exemplo, são as classes sociais dominantes do Terceiro Mundo. Mas para as classes dominadas a cadeia de dominação ainda não terminou. Uma mulher, camponesa e negra do Nordeste brasileiro sofre vários tipos de dominação, pois além de mulher ela é ainda camponesa e negra em uma região do país que sofre há séculos um processo de opressão.

P. Como o sr. vê o futuro do continente?

R. Apesar desta realidade desigual e injusta, a América Latina tem uma possibilidade de criação fantástica, pois há muito de arte e aventura nesse continente. Mas é preciso tomar nossa história em nossas próprias mãos. Cuba e Nicarágua já mostraram um caminho possível.

P. De que forma interpreta o processo educativo em nosso continente?

R. Todo sistema educativo em qualquer sociedade é sempre um subsistema de um subsistema maior que é o sistema econômico, político, que gera relações sociais coerentes com esse sistema. Portanto, o subsistema educacional não é o gerador da sociedade, mas ele é partejado pelos interesses daqueles que estão no poder. A educação sistemática se constitui como necessidade reprodutora do sistema no poder. Mas há que se ressaltar alguns aspectos: primeiro, o sistema educacional tem limites, ele é gerado pela materialidade constituinte da sociedade; segundo, na medida em que se conhece a dependência da América Latina e a dominação de classes, não se pode pensar que se está gerando um outro sistema, trabalhando contra ele; terceiro, conhecendo essas limitações e explicitados seus limites, isto é, a educação não é a alavanca da transformação, se reconhece sua eficácia, uma vez que só se fala nos limites porque ela é eficaz; quarto, a educação em sendo limitada tem uma eficácia, porque ela vai depender da coerência do educador e de seu projeto: se do ponto de vista das classes dominantes ou das classes dominadas.

O educador deve ocupar os espaços como invasor

P. Dentro desse contexto, qual poderia ser o papel do educador?

R. A despeito das classes dominantes há uma tarefa a ser cumprida pelos educadores que, em lugar de reproduzir a ideologia dominante, tenham por objetivo erradicá-la. A eficácia da educação depende de nós, depende de se buscar nas forças da categoria a lealdade ao seu ideal, a competência científica, o que exige a coragem da briga.

Há uma tarefa indiscutível na Educação Pública. Daí o apelo a todos os educadores e educadoras na luta pela Escola Pública, pela ocupação de seu espaço. Há um certo ranço em algumas pessoas da esquerda com relação a ocupar cargos públicos. Entretanto, em momentos típicos é preciso ocupar espaços no Estado burguês. Com relação a esse aspecto, o Partido Comunista Brasileiro tem sido um bom exemplo, pois ele conseguiu estar vivo na sociedade brasileira.

P. Em que condições se daria essa participação do educador na estrutura do Estado?

R. A condição fundamental para os educadores ocuparem postos na estrutura do Estado é se posicionarem como invasores do Estado e não se deixarem cooptar por este. O poder é sedutor e as pessoas se deixam contaminar pela perversidade do Estado brasileiro se alojando nele.

P. Quais as mudanças que se produziram, em seu pensamento, principalmente a partir de "Pedagogia do Oprimido"?

R. Se em 1987 eu fosse a mesma pessoa dos anos 50 no Brasil e dos anos 60 e 70 no exílio, haveria duas explicações: ou eu era um gênio ou eu era um desastre: gênio sei que não sou a medíocre tampouco. Sou e não sou a mesma pessoa, porque somos e não somos o que fomos, já que nunca fomos verdadeiramente, sempre estamos em processo.

A prática me ensinou que eu deveria ser muito mais crítico, pois

em alguns momentos resvalava para uma posição idealista. Em *Educação como prática de liberdade* não falei uma única vez em classe social. Já na *Pedagogia do Oprimido* esse conceito aparece inúmeras vezes. Portanto, em minha obra nunca falei em oprimido em termos individuais. Centralmente, estou sendo como estava sendo, mas acho que avancei em clareza, em compreensão marxista da educação e da realidade.

Minha fé me levou a alguns desvios idealistas, mas nunca à reação

- P. Como se deu sua aproximação com a obra de Marx?
- R. Procurei Marx, o que não tinha feito em *Educação como prática de liberdade*, "a pedido" dos camponeses, dos trabalhadores. Foi a realidade dura e fria dos bairros pobres do Chile, da Bolívia, as misérrimas aguçadas do Nordeste brasileiro que me remeteram às obras de Marx, cuja leitura iluminou minha percepção dessas realidades. Comecei a perceber melhor minha percepção anterior correndo assim menos risco de parecer idealista. Entretanto, meu encontro com Marx não matou a gostosura de meu encontro com Cristo. Não aceitei o catolicismo, mas sim a fé, pois é ela e o meu amor ao mundo, que é do mesmo tamanho, que me permite hoje viver a experiência da ausência de Elza (sua esposa recentemente falecida). A religião é tudo o que se diz, mas é mais do que se diz. Tenho direito de falar de minha fé, só não tenho o direito de colocá-la a serviço das classes dominantes. Se a fé me levou a alguns desvios idealistas, essa fé nunca me levou à reação, a apoiar as classes dominantes no país.
- P. Não há contradição entre a visão marxista e a fé cristã?
- R. As vezes aceito como contraditória minha fé, só para raciocinar. Um bom marxista, e há muitos na América Latina, poderia me dizer: vives um pouco contraditoriamente, pois sua posição pedagógica é correta, tem fundamentos marxistas, mas quando acredita em um a-priori da

história você não é marxista. A questão fundamental é que não aceito a obra de Marx nem como Bíblia e nem como catecismo, porque o próprio Marx já dizia que a única coisa que sabia é que não era marxista. Minha postura é como enfrentar um pensamento que se gerou na história.

As classes populares só aparecem na TV como objeto de estranheza

- P. Ao rápido desenvolvimento do sistema de comunicação no Brasil, principalmente nas décadas de 60 e 70, não correspondeu o mesmo desenvolvimento do sistema educacional. Como superar esse distanciamento que se faz cada vez mais nítido entre Escola e Meios de Comunicação de Massa?
- R. Esse problema é nitidamente político. A TV brasileira, de certo ponto de vista, não tem nada a dever à TV francesa, suíça, americana, etc. O que está faltando é uma decisão política que ponha os meios também a serviço das classes populares. Elas só entram na TV como objeto de estranheza, isto é, através das notícias de crimes, enchentes, greves, etc. Tanto o jornal como o rádio e a TV insistem em um tipo de técnica que no fundo é um elemento psicológico, um elemento de cooptação do ouvinte. Mas acredito ser possível fazer uma informação enquanto formação desde dentro e desde fora para dentro com relação aos meios massivos. Não basta dizer que quando se realizar a revolução socialista então se poderá produzir uma informação livre.
- P. É possível recuperar o espaço que a Escola foi perdendo para os meios massivos?
- R. Acredito que sim, mas para isso é preciso que os educadores sejam coerentemente progressistas, não importante as diferenças de geração. Ou a gente assume o tempo em que se vive ou se arquiva. Me sinto um homem do meu tempo e com pretensões a ser um homem do futuro, sem entretanto diminuir ou minimizar a importância do passado. O futuro não está à nossa espera, ele se contrói a partir do que fazemos no presente. O educador pro-

gressista deve lutar pela Escola Pública, brigar para ocupar democraticamente esse espaço, pois não há contradição entre democracia e socialismo. Ocupar a Escola Pública por inteiro para chegar ao Estado socialista não é um a-priori determinado para o ano 2002, numa quarta-feira, às 10 horas. O processo revolucionário é um processo mesmo.

A criança precisa sonhar com a Escola

- P. Quais as estratégias para se recuperar esse atraso?
- R. É preciso transformar a Escola Pública em uma Escola alegre. Se me derem quatro dias e uma equipe de especialistas, eu faço essa mudança. Tenho medo, entretanto, de alguns educadores avançados, mas nem sempre politicamente preparados, pensarem em pequenos circuitos de escolas. Há que se pensar globalmente a questão e não deixar de fora, tampouco, a questão da computação, pois ela poderá diferenciar ainda mais o tipo de educação que se destina às classes populares.
- P. Em sua opinião, quem está educando nesse país: a TV ou a Escola?
- R. No momento não resta dúvida que é a TV, porque a criança passa muito mais tempo na TV que na escola. Mas não é a comunicação que me preocupa, mas sim a escola, porque ela deve continuar existindo, desde que seja diferente. Não pode continuar existindo como aí está, com o desrespeito aos educadores e a falta de amorosidade com relação a esse profissional. O professor tem que ser competente, mas para ser competente é preciso ter seu trabalho valorizado. É preciso fazer da Escola um ambiente sedutor, com o qual a criança sonhe antes de ir. Isso não significa que a Escola sedutora não transmita conteúdo, mas deve haver um gozo no conhecer. Sensualidade, criatividade, comida e prática educativa são coisas muito próximas..
- P. Essa sua colocação introduz um tema muito discutido atualmente, inclusive com a afirmação de que

Mas não é a comunicação que me preocupa, mas sim a escola, porque ela deve continuar existindo, desde que seja diferente. Não pode continuar existindo como ai está, com o desrespeito aos educadores e a falta de amorosidade com relação a esse profissional.



FOTO: LIA COSTA CARVALHO SAO PAULO BRASIL

suas concepções educacionais estão muito próximas do que se convencionou chamar pedagogias naodiretivas, em oposição àquelas concepções voltadas para a defesa de uma filosofia dos conteúdos. Como o sr. vê essa questão?

R. Em primeiro lugar faz parte da natureza educativa que seja diretiva. Falar de pedagogia naodiretiva é idealismo. Por outro lado, nunca houve prática educativa sem conteúdo em nenhuma parte do mundo. Dessa forma, falar de pedagogia com conteúdo é um conceito rebarbativo. Não há prática educativa sem sujeitos cognoscentes ou seja sem professores e alunos. Nunca houve prática educacional que não demandasse procedimentos para se aproximar do objeto a ser tratado. Entretanto, na História Geral da Educação há momentos em que um enfoque prevalece e exclui os outros.

Não deixo de ficar surpreso quando

me defronto com uma crítica à Escola Nova em uma página de um livro, pois até hoje não tive coragem de escrever nem um artigo sobre esse tema. Acho formidável quando se diz que Paulo Freire representa a Escola sem conteúdo. E uma análise pobre e do ponto de vista do conceito é contraditório. Minha tentativa de compreender a prática educacional é entendê-la dialeticamente, isto é compreender o processo comunicativo ao mesmo tempo como um ato político, gnoseológico e estético.

Os meios massivos fazem um desserviço às identidades culturais

P. *Qual sua avaliação da relação dos meios massivos, especialmente da*

televisão, com a educação e a cultura?

R. Se se entende a sociedade capitalista como uma sociedade expropriadora, se poderia dizer que as classes dominantes nessa sociedade não expropria somente a mais-valia, mas também a sua identidade, através da expropriação de sua criação. Os meios massivos se apropriam bom do gosto popular para transformá-lo em gosto da burguesia e depois dizer que é nacional. Marx já dizia que numa certa sociedade as idéias que prevalecem são as idéias da classe dominante. A classe burguesa difunde suas idéias como as idéias nacionais. Um Ministro de Estado pode dizer na TV "ninguém fizeram", mas não se pode dizer "pobreza", porque essa forma de falar se aproximaria demais das classes populares. Em muitos aspectos os meios massivos estão fazendo um desserviço às identidades culturais no país. A TV

Os meios de comunicação tem um papel na violência urbana, mas não somente eles, porque afirmar isso seria um simplismo. Mas os meios operando sobre uma realidade social profundamente injusta estimulam uma rebeldia.

em cadeia nacional é fabricada no circuito Rio-S. Paulo. Nas novelas é o drama da classe burguesa se desfazendo que predomina. Por outro lado, prevalece a forma de falar do centro sul, o bom e o mal gosto da burguesia.

P. *Essa visão não impede pensar nos usos possíveis da TV na atual conjuntura?*

R. Não, porque não se trata de uma crítica negativa, maldosa e injusta a quem faz TV no Brasil, porque se está fazendo uma belíssima TV, mas sim a tentativa de mostrar a inviabilidade de uma TV em um Estado burgues.

Por outro lado, quero deixar claro que se não é possível por a TV a serviço da classe trabalhadora, cabe a nós com muito mais dificuldade que no caso da educação, invadir o espaço da TV. Quando as TVs me convidam para participar de programas nunca recuso, desde que seja ao vivo, porque esta é uma tarefa política, usar um tempo em um espaço que não é meu. A TV tem mais limites para nós do que para as classes dominantes. A exibição da obra do poeta João Cabral de Melo Neto, "Vida e morte Severina" há uns quatro anos atrás me levou, juntamente com Elza, a refletir que a Rede Globo pensou em fazer isso com as obras de outros autores brasileiros. Mas a partir dessa representação se notou uma preocupação maior com relação à crença que deve ter estado presente na gestação daquele programa. Ao vestir dramaticamente a dramaticidade da miséria se amacia um pouco a realidade. Mas o tratamento estético, nesse caso, sublinhou, enfatizou a tragédia em lugar de domesticá-la. Este é um tema para ser discutido pelos especialistas. A classe dominante não percebe que o lado contrário das novelas que amortizam

é que o oprimido tem uma outra leitura das mensagens veiculadas. Não há adesão sem resistência. Muitas pessoas se equivocam ao afirmarem que tudo o que acontece nas classes populares é reprodução das classes dominantes.

A maior violência é a do dominador sobre o dominado

P. *Como o sr. vê o problema da violência em nosso país? Qual a face que mais o atinge?*

R. Não quero parecer simplista, mas o aspecto da violência que mais me preocupa é a violência do dominador sobre o dominado. E essa violência de classe que nos permite compreender a outra violência, aquela do dominado sobre o dominador.

Não se pode esquecer a hipocrisia da classe dominante em relação ao dominado. Ninguém fala da violência extraordinária do racismo no Brasil. Há uma única mulher negra no Congresso Nacional. Quantos negros são juizes, generais, professores universitário, cardeais, bispos, etc? Sobre todas essas manifestações da violência ninguém fala, só se fala da violência do bandido que assalta. Aí está o núcleo fundamental que explica a violência, o resto são cópias dessa violência fundamental.

P. *E sobre o uso da violência pelos guerrilheiros nos anos 60/70 no Brasil? Como a sr. a interpreta?*

R. A juventude brasileira depois de perceber a impossibilidade dos caminhos políticos, entrou na luta armada. Da mesma forma que quando se pensa em violência só se pensa na violência do marginal,

também quando se pensa na violência da esquerda só se fala da violência dos guerrilheiros. Não se pensa na violência dos grupos armados. Minha opinião, entretanto, é que tanto quanto seja possível, devemos nos esforçar por diminuir o custo da violência no processo de transformação social.

P. *Não existe um tipo de violência que está ligado à questão da intolerância, da impossibilidade de se conviver com a divergência, de aceitar a existência do outro, devido a concepções políticas diferentes, como acontece com muitos grupos de esquerda?*

R. Uma das virtudes do educador/educadora progressista é exatamente a tolerância, uma qualidade que se constitui na prática. Mas a tolerância também é uma virtude política, uma virtude revolucionária.

P. *Em sua opinião as formas de violência presentes no rádio e na TV tem influência no comportamento das pessoas?*

R. Os meios de comunicação tem um papel na violência urbana, mas não somente eles, porque afirmar isso seria um simplismo. Mas os meios operando sobre uma realidade social profundamente injusta estimulam uma rebeldia. Hoje a defesa da pena de morte é um consenso em amplas camadas da população, inclusive entre as classes populares.

P. *Que papel os comunicadores deveriam assumir com relação à questão da violência?*

R. O papel fundamental do intelectual é de intervir, de ir à luta contra esses comportamentos da população, por exemplo, que exige a pena de morte. E uma das contribuições do intelectual progressista, quer seja o radialista, os homens e mulheres da TV, ou o professor universitário, é dar uma contribuição para ajudar a transformação da guerra de classes, pois se trata efetivamente de uma guerra, em uma luta de classes.

Entrevista realizada por Anamaria Fadul em S. Paulo, em 20/06/87.